

REVISTA
PORTUGUESA
de HISTÓRIA
tomo XXVII



COIMBRA 1992
FACULDADE de LETRAS
da UNIVERSIDADE de COIMBRA
INSTITUTO de HISTÓRIA ECONÓMICA e SOCIAL

B I B L I O G R A F I A

FR. ANTÓNIO DO ROSÁRIO — *Dominicanos em Portugal Repertório do Século XVI*, Porto, ed. Arquivo Histórico Dominicano Português — Instituto Histórico Dominicano, 1991, XVI+450 pp.

Nos últimos lustros, a historiografia portuguesa assistiu a uma renovação profunda que atingiu também os estudos sobre história eclesiástica e da Igreja do nosso País, aplicando-se nestes domínios as metodologias e os problemas específicos da História enquanto ciência. Não se trata propriamente de inserir a história do passado religioso e eclesial português num lugar estanque da história da cultura e das mentalidades. Podemos mesmo falar duma completa autonomia do campo científico destas duas áreas históricas, à semelhança do que se vem verificando em toda a historiografia ocidental onde os problemas históricos relativos aos(s) mundo(s) eclesiais e religiosos ganharam as simpatias dos profissionais universitários das ciências humanas e sociais.

Portugal, contudo, permanece substancialmente uma terra muito ignota neste domínio histórico. Mau grado as suas características religiosas católicas secularmente afirmadas e construídas, mau grado o papel missionário que desempenhou na afirmação do proselitismo religioso cristão por todo o Mundo Novo, mau grado a (re)surgência conjuntural de reacções violentíssimas entre os poderes laicais da sociedade e os seus poderes eclesiais, particularmente

nos dois últimos séculos. Mau grado, por último, a extensa produção historiográfica dedicada ao tema pelos cronistas seculares e regulares lusitanos nos séculos modernos.

Mais para o período medieval do que para os tempos moderno e contemporâneo, a historiografia portuguesa tem aberto sendas firmes no conhecimento da história da Igreja em Portugal, particularmente através da produção de monografias científicas (teses de mestrado e de doutoramento) dedicadas a Ordens ou a determinadas casas monásticas, que vão permitindo o estabelecimento de sínteses actualizadas sobre a questão, corringindo-se obras paradigmáticas e essenciais, embora datadas, como a *História da Igreja em Portugal* de Fortunato de Almeida, cuja primeira edição, em oito volumes, data de 1910 a 1928, recebendo uma nova publicação, em 1967, preparada e dirigida por Damião Peres.

A publicação da obra, em epígrafe, de Fr. António do Rosário, insere-se neste horizonte de reescrita da história eclesiástica e da Igreja portuguesas. Por um lado, representa um ponto de referência sobre os estudos históricos que a Ordem dominicana tem desenvolvido entre nós, mormente através dos seus prestimosos Arquivo Histórico Dominicano e Instituto Dominicano, por outro exemplifica um dos caminhos que a renovação da história da Igreja vem assumindo entre nós, activada pelas próprias instituições monásticas sobreviventes — fundamentalmente estas — que determinam promover o conhecimento do seu passado. Entre nós, dominicanos, franciscanos, beneditinos e jesuítas têm desenvolvido uma acção desigual posto que extremamente portentosa neste domínio.

O campo das instituições religiosas seculares aparenta maiores dificuldades no incentivo e promoção do respectivo estudo histórico, e só acontecimentos comemorativos extraordinários, como o *IX Centenário da Sé de Braga*, recentemente festejado, parecem constituir excelentes excepções no domínio algo desolador que caracteriza o conhecimento do seu passado.

A obra *Dominicanos em Portugal* divide-se em três partes.

Na primeira, o autor estabelece os índices alfabéticos de todos

os dominicanos do século XVI registados nas fontes portuguesas que compulsou (manuscritas ou impressas) (pp. 1 -20). Na segunda, apresenta o respectivo ficheiro prosopográfico, atingindo os 2619 nomes de frades (pp. 21-236). Aqui, a ficha utilizada contém a indicação da data precisa em que se refere o frade indicado, os seus graus, os mosteiros onde estanciou, o tipo de documentos onde é referido e, finalmente, a bibliografia pertinente sobre o mesmo. Na terceira parte, Fr. António do Rosário estabelece uma lista cronológica de toda a documentação compulsada, apresentando uma ficha que fornece ao interessado a data e local de origem do documento, a tipologia documental e a cota arquivística respectiva, elementos que são seguidos pela exposição do conjunto de dominicanos detectados nesse mesmo documento (pp. 237-448).

No todo, as linhas de força da história da Província, os seus ritmos demográficos, as bases sociais e geográficas de recrutamento dos irmãos, a hierarquização das suas casas conventuais quanto à respectiva importância na estruturação das políticas organizacionais e pastorais da Ordem em Portugal, bem como a própria formação cultural dos conventuais encontra-se aqui bem alicerçada, permitindo análises historiográficas seguras.

Trata-se do primeiro trabalho com tal envergadura realizado entre nós e, seguramente, um dos poucos para toda a Europa. Exigindo um grande sentido de racionalização da informação histórica, — aspecto bem da tradição académica dos frades pregadores — tanto quanto uma pesquisa prolongada ao longo de vários decénios em que se foram acumulando, pacientemente, os dados disponíveis sobre os dominicanos estabelecidos em Portugal naquela centúria, esta obra constitui um monumento referencial no continente das fontes históricas portuguesas e europeias disponíveis para estudos historiográficos plurais e essencial a todos quantos se interessam pelo conhecimento do período quinhentista.

Uma questão de difícil resolução, neste tipo de repertórios prosopográficos, é a das homónimias. Fr. António do Rosário, contudo, age com prudência neste particular, deixando para investigado-

res futuros o esclarecimento de alguns casos pontuais. Contudo, se tivéssemos em conta a surgência destes casos, o conjunto dos antropônimos encontrados elevar-se-ia acima das três mil unidades...

Corpus prosopográfico elaborado com base em infindas pesquisas documentais exercidas sobre os mais díspares fundos documentais, por todo o País, contudo, só a pesquisa, por exemplo, nos fundos dos arquivos distritais (especialmente nos núcleos notariais quinhentistas) ou dos arquivos existentes nas antigas colônias portuguesas (mormente na Índia), permitiria podermos escrever que, em definitivo, o ficheiro prosopográfico dominicano português de Quinhentos se encontra estabelecido, mas a obra que Fr. António do Rosário deu, em bora hora, aos prelos tipográficos constituirá sempre um marco historiográfico cujo valor no enriquecimento da cultura portuguesa é incomensurável.

Aguarda-se para breve, do mesmo autor, a publicação dos repertórios dos frades de S. Domingos em Portugal para os séculos XVII e XVIII.

SAÚL GOMES